

Durante a premiação do *Goethe-Preis*, Freud aos 74 anos de idade volta a assinar através de uma carta lida por sua filha Anna, os vínculos entre a psicanálise e a literatura enfatizando sobretudo que antes da psicanálise se constituir, a literatura já gravitava sobre ela.

Sabemos o quanto Shakespeare, Ibsen, Goethe, Sófocles, Schiller, Kleist, Dostoievski e outros, foram decisivos na trajetória freudiana em direção ao inapreensível, ao estranho, ao inverossímil, ao desgarrado, ao sem sentido. Não é por acaso que seu primeiro livro é dedicado ao estudo sobre a afasia, seguindo-se muitos outros sobre o tema. Em todos eles, encontramos sua visão audaz sobre a natureza da produção literária e que demonstra claramente que a apreensão definitiva de um texto literário é ilusória.

Neste sentido, o livro de Giovanna Bartucci, ainda que escrito em um espaço e um tempo distantes, traz-nos bem de perto o oportuno encontro com estas duas vertentes do conhecimento humano, aproximando-nos de dois ícones da literatura: Wolfgang Iser e o "mago" Jorge Luis Borges, a fim de pensarmos como se inter-relacionam a obra literária, o autor e o leitor.

## O outro: Borges e a psicanálise

*Resenha de Giovanna Bartucci, **Borges: a realidade da construção - Literatura e Psicanálise**, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1996, 126 p.*

O livro, com um formato "facilitador", já nos surpreende de entrada, rompendo com a costumeira tradição editorial. Desde o princípio, Giovanna convida seu leitor a uma relação, diria de subjetivação, exigindo-nos obra, autor e leitor, uma movimentação em torno da falsa segurança que essas posições engendram. Está dividido em cinco capítulos, com uma bela introdução e prefácio de Luiz Costa Lima e Eneida M. de Souza, respectivamente.

A autora dedica um grande fôlego às teorias que trabalham a relação entre retórica e ficção, ressaltando as diversas possibilidades que dispõe o crítico teórico quando examina um texto literário.

Apesar de Giovanna não tratar destas questões diretamente, trabalha as implicações do sujeito que é produzido no discurso e que produz discurso, próprios da Análise do Dis-

curso. Desta forma a concepção de sujeito, ainda que distinta da psicanalítica, simplesmente recusa a linguagem como suporte de informações ou de análise de conteúdos.

A palavra, por seu caráter polissêmico, permite um distanciamento entre aquele que fala e aquele que enuncia, e o jogo da locução e da enunciação será o espaço da autoria.

Giovanna elege Iser como seu interlocutor e em sutil discordância quanto ao "lugar" em que se passa a outra cena — Iser prefere a imaginação — busca uma linha de ação independente, para além da consciência: "o processo de leitura reflete a estrutura da experiência, não na medida em que 'devemos suspender as idéias e atitudes que conformam nossa personalidade antes de podermos experimentar o mundo estrangeiro do texto literário', mas quando nossas idéias e atitudes familiares são forçadas a vivenciar o estrangeiro como o texto em si mesmo. Somos incapazes de suspender nossas idéias e atitudes de modo a aceitar o texto literário passivamente. É somente quando estas idéias e atitudes são reexaminadas que o processo de leitura é experienciado" (p. 45).

A psicanálise enquanto corpo teórico ainda não era o interlocutor primordial de Giovanna, mas a problemática psicanalítica já a havia capturado. Quando escreveu este livro, no Maine (EUA), há quatorze anos atrás, utilizou-se de uma terminologia comum às duas áreas ocasionando inclusive ambigüidades ao empregar expressões tão familiares a nós psicanalistas, em contextos diversos. Por exemplo, em seu texto, Giovanna trata a identificação como condição de possibilidade de experimentar o estrangeiro.

A autora já demonstrava à esta época uma sensibilidade aguçada, recusando a aceitar o caráter da consciência enquanto fator reducionista de um texto, alertando ao leitor por exemplo para o fato de que a identificação seria a apropriação no texto de algo sentido como estrangeiro, *unheimlich*. O leitor-sujeito o reconhecer-se no texto, se reconheceria, realizando a operação subjetiva de colher, recolher e conduzir para a construção de algo em si próprio, no jogo desconhecido e transformador da ordem literária (p. 46). A autora ainda nesta fronteira literatura-psicanálise, já se utilizava espontaneamente do estofado do conceito de identificação aos moldes da psicanálise, sob forma literária.

Em seguida, Giovanna nos presenteia com um dos momentos mais ternos de seu livro: o poema "Soy", "Borges e Eu" e o "Outro", de Jorge Luis Borges, como exemplos de possibilidades da ocorrência do fenômeno da identificação. Para ela, os dois Borges tem um ponto de ancoragem que o tempo todo sustenta o reconhecimento e o estranhamento. O autor de metaficcões é o mestre exemplar para nos divertir e inquietar no "jogo" de significantes, em que a regra é não estabelecer a mínima diferença no livre comércio dos signos.

O *duplo*, segundo Giovanna, será a possibilidade de resgatar o estranho que o leitor reencontra. Sendo assim, o leitor transforma o texto e é transformado por ele, num movimento *autoscópico* (p. 56) dialético incessante. O texto é em si a construção do "terceiro", propiciador do encontro de Borges aos 70 e aos 20 anos.

Naturalmente, o espaço de uma resenha se torna escasso para a apresentação de uma obra. É bastante interessante percorrer os "estranhamentos" e sustentar a ambigüidade proposta ao seu leitor. Através de vários autores, incluindo particularmente Borges, retoma a definição de linguagem ampliando o lugar da ficção para o além-metaficcional. A linguagem ganha as-

sim seu território como condição de possibilidade de transposição na criação, exigência imposta a todos enquanto sujeitos do fazer ficcional.

"Construir significados é fazer ficção": esta nos parece ser a conclusão a que chega ao longo de seu livro. Escreve o posfácio em 1996, justificando o estranhamento provocado pela publicação do texto muitos anos após sua redação pelos efeitos *a posteriori* do reencontro com algo que há tempo encontrava-se fora de circulação psíquica, e também de sua intenção de não transformar seu texto em "psicanálise aplicada". "Aquilo que é ressignificado no tempo do *après-coup* está certamente relacionado ao encontro com o estranho" (p. 109).

Apoiando-se no texto freudiano "O estranho" (1919), retoma e particulariza, no que tange ao sujeito na obra literária, o fenômeno do duplo tomando as vertentes Rank e Freud. Concorda que o duplo "provoca susto, pavor, esvaziamento, não-reconhecimento, o *Unheimliche*": o retorno do reprimido e a natureza secreta das experiências familiares. Este alerta para a existência de um *Outro* e a constituição de um *topos* permanente de conhecimento e desconhecimento de si.

Giovanna conclui que "há aqueles para quem a escrita é uma forma de organização de idéias e pensamentos, e há aqueles para quem podemos considerar o processo da escrita como uma forma de desconhecimento do mesmo, que tem como objetivo ser instrumento de maior conhecimento de si" (p. 114).

Sabemos quão problemático é escrever nessa zona de tensão que perpassa duas áreas do conhecimento sem incorrer em equívocos.

O trabalho trilhado pela autora a respeito do lugar metaficcional na Literatura e o recorte que fez dentro da doutrina freudiana nos parece a marca de seu percurso. Nas palavras de Costa Lima, a literatura foi a "matéria viva", a psicanálise, solo próprio de possibilidade de captação de efeitos e quebra de fronteiras.

Finalizando e ainda dentro do "espírito da coisa", resta-me dizer ao leitor de *Percorso* que Giovanna demonstra, através de *Borges: a realidade da construção*, possuir singular formação que lhe confere o privilégio e maestria de conduzir de maneira elegante e rigorosa o ofício tanto da matéria literária quanto da psicanálise.

Trata-se de uma boa oportunidade de ler um livro escrito por uma psicanalista sobre o fazer literário a partir da velha recomendação freudiana.

Marilúcia Meireles de Alencar é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.